

EDITORIAL

Este número da **Phoînix** traz nove artigos que realçam a abordagem de temas relativos à Antiguidade clássica – predominando artigos de helenistas, seis no total –, bem como estabelecem um diálogo profícuo com os textos literários de diversos gêneros. Somente um artigo, o de Talita Nunes Silva, propõe um diálogo estreito entre a história e a iconografia.

Talvez, neste momento, fosse pertinente recuperar e, ao mesmo tempo, estender para as ciências humanas o que Clóvis Gruner (2008, p. 13) discorre sobre a relação entre a história e a literatura. Segundo o autor, o pesquisador deve “... assumir, desde a escolha do objeto, o desafio de empreender uma leitura de experiências passadas tomando como fonte privilegiada o discurso literário e as maneiras pelas quais a literatura foi apreendida em diferentes contextos espaciais e temporais”. É exatamente o que os autores, pesquisadores nacionais e internacionais do mundo greco-romano, propõem fazer ao oferecerem ao público trabalhos que apresentam enfoques e abordagens diferenciadas.

Começemos com o artigo de Nuno Simões Rodrigues, que defende, ao analisar três casos da mitologia – os mitos da Gigantomaquia, da Centauromaquia e da Amazonomaquia –, como evidente que a ideia de «caos» e de desordem ou ataxia foi objeto de reflexão por parte dos poetas desde pelo menos o século VIII a.C. A argumentação do autor toma como base os poemas homéricos e a obra atribuída a Hesíodo serem os mais antigos testemunhos literários conhecidos da cultura dos gregos.

O teatro antigo, com matizes diferenciadas, é o objeto de análise dos artigos de Maria de Fátima Silva, María del Pilar Fernández Deagustini e Maria Cecília Colombani para o caso grego, e de Arlete José Mota para o latino.

Maria de Fátima Silva articula teatro e iconografia ao estudar a presença da pintura em suporte cerâmico nas peças teatrais. A autora defende que, embora com um contributo relativamente discreto, o teatro é, mesmo assim, um transmissor interessante de informações, sob a forma de descrições de

“quadros” ou criação de metáforas, que tornam patente a “popularidade” dessa forma de expressão plástica. Já María del Pilar Deagustini se centra na análise das **Suplicantes** de Ésquilo, buscando refletir acerca do elemento divino em função do desenvolvimento da trama dramática. Neste caso, a helenista adverte que a representação de Zeus, divindade inevitável da obra, se mostra delineada com características chamativas que provocam o seu exame.

A partir de uma leitura de **A cidade antiga** de N. Fustel de Coulanges, Maria Cecília Colombani elabora uma reflexão sobre a morte como um fato antropológico e sobre o seu enquadramento no conjunto das crenças gregas arcaicas. A tragédia **Alceste** de Eurípides é tratada pela autora através de um viés filosófico-antropológico, considerando a relação do homem com a morte.

O teatro também é a documentação para o artigo de Arlete Mota, porém num diálogo com Horácio e Juvenal, satíricos, e Marcial, epigramista. Diferente dos textos dos helenistas, que privilegiaram a tragédia, a autora irá se centrar na comédia latina de Plauto. No artigo é defendido que a contribuição dos poetas citados e as suas práticas textuais em que se destacam uma exata noção de utilização dos mecanismos que provocam o riso, trazem ao leitor moderno uma perceptível atmosfera do tempo vivido e do espaço percorrido, em especial na Cidade. Por meio de uma seleção de personagens, que andam pela cidade e sentem os sabores das tabernas e dos costumeiros jantares, a dinâmica própria da Vrbs será estudada.

Os três próximos artigos abordam a sociedade greco-romana também por meio da documentação literária. O gênero historiográfico predomina no artigo de Martinho Tomé Martins Soares. O helenista defende que os prólogos das obras de Heródoto e Tucídides evidenciam as condições que Hannah Arendt considera estarem na base do surgimento da historiografia grega: grandiosidade e imortalidade – às quais acrescentamos a política. Por outro lado, os conceitos de **historie** e **syngrapho** permitem-nos estabelecer importantes diferenças entre os trabalhos dos dois historiadores gregos.

O artigo de Matheus Trevisan descreve um poema latino sobre a caça, intitulado **Cinegético**, como típico representante textual da poesia didática antiga. Ao mesmo tempo, intenta particularizá-lo no interno de sua categoria literária pela maneira de Grattius Faliscus construir a figura do “aluno” no poema e repartir os níveis temáticos da obra, entre ostensivo/concreto e subjacente/abstrato.

Encerrando o conjunto de artigos que se dedica prioritariamente à interpretação da documentação literária, temos o de José Luís Brandão e de Delfim Leão. Os autores centram-se na **Vida de Augusto** de Suetônio analisando a forma como o autor organiza a narrativa, seleciona os eventos e aborda os tópicos sobre os quais centra o relato, de maneira a desenhar um retrato fortemente ideológico de Augusto.

Centrado na interpretação de imagens em suporte cerâmico, o artigo de Talita Nunes Silva defende que a eusébeia (piedade) era um dos valores do “sistema de conduta” da Atenas do V século a.C. Como parte deste “sistema”, os desvios cometidos contra esse valor eram considerados formas de transgressão. Ao discorrer sobre a piedade, opta-se pela ênfase na piedade filial. Neste sentido, ao utilizar as imagens áticas, a autora apresenta o matricídio realizado por Orestes como um exemplo de transgressão a esse princípio, ou seja, como uma demonstração de impiedade.

Por fim, convidamos os especialistas nos estudos sobre a Antiguidade, bem como o público em geral, para uma leitura proveitosa dos artigos que compõem este novo número da **Phoînix**.

Os Editores

Referência bibliográfica

GRUNER, C. Introdução. In: GRUNER, C.; DeNIPOTI, C. (Org.) **Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, p. 9-17.